

SIGNIFICADO AMBIENTAL E RESTAURAÇÃO DO ESTRESSE: moradores de residenciais terapêuticos e suas relações com o lugar

SIGNIFICADO AMBIENTAL Y RESTAURACION DE ESTRES: residentes de residencial terapéutico y sus relaciones con el lugar

ENVIRONMENTAL MEANING AND STRESS RESTORATION: residents of therapeutic residential and their relationships with the place

BARBOZA DA SILVEIRA, BETTIELI

Doutora em Psicologia, Professora Adjunta da Universidade Federal da Bahia (UFBA) – bettieli.bs@gmail.com

FELIPPE, MAÍRA LONGHINOTTI

Doutora em Tecnologia da Arquitetura, Professora Adjunta da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) - mairafelippe@gmail.com

KUHNEN, ARIANE

Doutora em Ciências Humanas e Interdisciplinar, Professora titular da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – arianekuhnen@gmail.com

RESUMO

Estruturados como moradia e alicerce à vida em sociedade, os Serviços Residenciais Terapêuticos (SRT) foram palcos desta pesquisa, que buscou caracterizar de que modo os aspectos físicos das residências terapêuticas são percebidos pelos moradores no que condiz à restauração do estresse e à atribuição de significado ambiental. O percurso metodológico incluiu a observação participante auxiliada pelo diário de campo foi utilizada junto da técnica fotografando ambientes. A Análise Temática norteou o processo que envolveu a participação de quatorze pessoas, resultando em três categorias de análise: bem-estar na casa, significados, bem-estar no entorno. Considera-se de grande valia a aplicabilidade da aplicação dos conceitos explorados aos SRTs a fim de facilitar o processo de desinstitucionalização psiquiátrica e inclusão comunitária.

PALAVRAS-CHAVE: psicologia ambiental; saúde mental; significado ambiental; ambiente restaurador.

RESUMEN

Estructurado como vivienda y fundamento de la vida en la sociedad, los Servicios Residenciales Terapéuticos (SRT) fueron el escenario de esta investigación, que buscaban caracterizar cómo los aspectos físicos de las residencias terapéuticas son percibidos por los residentes en términos de restauración del estrés y también la atribución de significado ambiental. El camino metodológico incluía la observación de los participantes asistido por el diario de campo se utilizó junto con la técnica Entornos de fotografía. El análisis temático lideró el proceso que condujo la participación de catorce personas, dando como resultado tres categorías de análisis: bienestar en la casa, significados, bienestar en el entorno. La aplicabilidad de la aplicación de los conceptos explorados a los SRTs se considera de gran valor con el fin de facilitar el proceso de desinstitucionalización psiquiátrica e inclusión comunitaria.

PALABRAS-CLAVES: psicología ambiental, salud mental; significado ambiental; entorno restaurador.

ABSTRACT

Structured as housing and foundation for life in society, Therapeutic Residential Services (TRSs) were where this research was conducted, which sought to characterize how the physical aspects of therapeutic residences are perceived by residents in terms of stress restoration and for assigning of environmental meaning. The methodological path included participant observation with 14 people, aided by the field diary and the 'photographing environments' technique. The Thematic Analysis guided the data processing, resulting in three categories of analysis: well-being at home, meanings, well-being at the surroundings. The applicability to the TRSs of the explored concepts is considered of great value, in order to facilitate the process of psychiatric deinstitutionalization and community inclusion.

KEYWORDS: environmental psychology; mental health; environmental meaning; restorative environment.

Recebido em: 07/11/2024
Aceito em: 21/07/2025

1 INTRODUÇÃO

As ideias de espaço e lugar não podem ser definidas uma sem a outra. A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplitude, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa. Além disso, se pensarmos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que a localização se transforme em lugar (Tuan, 1983, p. 03-06).

Ao acolher moradores com diagnósticos de doenças mentais, os residenciais terapêuticos acolhem uma realidade entendida por muitos como à margem da sociedade. De acordo com Yasui (2010, p. 26), as instituições de tratamento ao doente mental foram, por muito tempo, concebidas como locais adequados para o tratamento da “loucura”, pois os doentes mentais deveriam ser retirados de circulação nas cidades por serem considerados “indivíduos não adaptáveis ou resistentes à ordem social”. O distanciamento “necessário” dos doentes mentais da comunidade em geral perdurou por anos, e ainda se arrasta em muitos momentos e contextos, e está longe de ser um entendimento extinto da sociedade. Assim que, alicerçada com a perspectiva multimetodológica e direcionada a ampliar os achados junto aos Estudos Pessoa-Ambiente, almeja-se trabalhar com os espaços de exclusão e inclusão que a saúde mental possui no contexto das cidades, atentando para o progresso (ou não) do processo de “desaprisionamento da loucura” das instituições fechadas.

Na intenção de compreender a realidade de residenciais terapêuticos e modelos atuais de atenção à saúde mental, busca-se suporte em Rapoport (1990), que destaca a importância de se observar o ambiente, a forma como as pessoas identificam e interpretam seus modos de ação sobre o meio, assim como as construções de significados oriundas desta relação bidirecional. Ao estudar o significado ambiental se transcorre pelo processo perceptivo cognitivo acerca do ambiente no qual vivemos, representando-o mentalmente. Em consideração à Higuchi e Kuhn (2011), o modo como as pessoas se comportam é influenciado pela maneira como elas percebem o mundo, isto é, o estudo das relações pessoa-ambiente não pode ser concebido separadamente do processo perceptivo.

Neste estudo parece pertinente, no diálogo da pessoa com o lugar, considerar aspectos inerentes à restauração do estresse percebida pelos moradores. Entende-se por um ambiente restaurador aquele capaz de ajudar a restaurar recursos e capacidades emocionais e funcionais esgotados (Hartig, 2011). Nesta tônica, Wang e colaboradores (2019) enfatizam os espaços verdes urbanos como diferenciais benéficos à saúde das pessoas, com destaque aos aspectos estéticos apreciados, preferências ambientais e restauro do estresse percebido.

A mera ausência de estressores ambientais não significa, necessariamente, recuperação de bem-estar, mas pode permitir ao indivíduo a oportunidade de restauração, constituindo papel passivo do ambiente físico no processo de restauração dos aspectos psicofisiológicos (Felipe, 2015). Na medida em que alguns aspectos do ambiente físico podem se constituir como estressores, destacam-se, por exemplo: ruído, variação no som, ausência de privacidade, estrutura desfavorável ao controle pessoal (Van Dongen; Timmermans, 2019). Embora as reações restaurativas ocorram nos sistemas corporais e algumas prevenções clínicas sejam eficazes (Han, 2003; Memari *et al.*, 2017), alguns ambientes possuem propriedades que “de maneira ativa promovem alterações psicofisiológicas positivas e, consequentemente, a recuperação dos recursos pessoais mobilizados durante a reação de estresse” (Felipe, 2015, p. 20).

Poucas pesquisas abordaram especificamente a restauração como um mediador entre o ambiente físico e a preferência ambiental em contextos urbanos (Hartig; Staats, 2006; Cox; Hudson; Shanahan; Fuller; Gaston, 2017; Stigsdotter; Corazon; Sidenius; Kristiansen; Grahn, 2017). Esses resultados sugerem que mais estudos sejam dedicados à compreensão sobre a identificação de atributos físicos que afetam positivamente a experiência restaurativa em ambientes urbanos, a fim de fornecer orientações sobre a estruturação dos espaços. Nesta direção, Rapoport (1990, p. 170) ressalta que os ambientes “guiam respostas, isto é, eles tornam certas respostas mais prováveis por limitar e restringir a gama de respostas possíveis e prováveis, sem ser determinante”.

Um foco crescente nos processos de planejamento e adaptação a novos lugares enfatiza a importância de compreender a experiência situada nas mudanças sociais e ambientais. Quinn e colaboradores (2019) destacam as respostas não uniformes das populações frente às transformações socioculturais e espaciais, de modo que se faz necessário investir esforços para obter adaptações inclusivas, isto é, entender como e por que as pessoas são mais sensíveis a certas mudanças e riscos do que outras para melhor atuar junto a

tais processos transitórios. Acrescenta-se ao processo, ademais, os entraves e as dificuldades inerentes à inserção social dos indivíduos egressos de instituições asilares psiquiátricas, como é o caso dos moradores dos Residenciais Terapêuticos. Trata-se de um público com vínculos sociais e familiares esmaecidos, agravados pelas frequentes, e infelizmente comuns, memórias de maus tratos, de exclusão, bem como os efeitos deletérios da institucionalização prolongada (Medeiros et al., 2018; Vidal et al., 2008)

Caracterizados como uma proposta de moradia para pacientes psiquiátricos graves que estiveram institucionalizados por longos anos, os Serviços Residenciais Terapêuticos (SRTs) se alinham à Reforma Psiquiátrica Brasileira na busca pelo acolhimento de tais moradores na comunidade, promovendo meios de potencializar a progressiva inclusão social de forma articulada com a rede de atenção psicossocial (Medeiros et al., 2018; Silva et al., 2019). Os SRT's são casas que habitam o cenário urbano das cidades, oportunizando diferentes interações ambientais. Assim, o encontro entre os moradores, a casa e a cidade se torna palco desta pesquisa, que busca caracterizar de que modo os aspectos físicos das residências terapêuticas são percebidos pelos moradores no que condiz à restauração do estresse e à atribuição de significado ambiental. Diante de tal perspectiva, espera-se contribuir com base científica acerca dos conceitos envolvidos nessa investigação, corroborando o estudo dos processos inerentes aos ambientes restauradores, aos significados ambientais e aos residenciais terapêuticos.

2 MÉTODO

Esta investigação de caráter qualitativo, descritivo, exploratório e transversal, envolveu quatorze moradores de três diferentes residenciais terapêuticos, sendo que a definição do número de participantes se deu por meio de saturação por exaustão (Fontanella et al., 2008), haja vista terem sido incluídos todos os sujeitos disponíveis e aptos. Para tanto, foram observados os seguintes critérios de inclusão: a) morar na respectiva residência terapêutica há, no mínimo, dois meses; b) quadro estável da patologia nas três semanas que antecedem a coleta de dados; c) reunir condições para se deslocar na residência e no entorno; d) assentir participação na pesquisa formalmente, através dos respectivos termos de autorização. Importante salientar que todos os procedimentos e verificações necessárias foram realizados em parceria com a equipe responsável pelo cuidado e tratamento de saúde dos residentes.

Em relação às características dos participantes, contou-se com dez homens e quatro mulheres, com idade entre 21 e 78 anos. Os SRT's investigados pertencem a três distintas cidades de um estado na região Sul do Brasil. Os detalhes dos participantes e das cidades serão mantidos em sigilo, e os municípios serão apenas identificados como: “pequeno”, “médio” e “grande”, em alusão às suas configurações sociodemográficas. A cidade “pequena” possui o Serviço há cerca de sete anos, se localiza no planalto norte do estado e acolhe oito moradores. A cidade “média” acolhia seis moradores no momento da coleta de dados, possui o residencial há três anos, aproximadamente, localiza-se em região serrana. Já a cidade “grande” está situada no norte do estado, acolhe dez moradores e possui o SRT há cerca de quatro anos.

Técnicas e instrumentos

Os Estudos Pessoa-Ambiente e a Psicologia Ambiental, especificamente, comumente contemplam uma abordagem multimetodológica. Desse modo, os procedimentos e técnicas escolhidos para essa pesquisa foram selecionados em consonância à perspectiva adotada. A observação participante, auxiliada pelo diário de campo, foi utilizada junto da técnica “Fotografando ambientes”, na intenção de captar aspectos simbólicos retratados através de uma linguagem não verbal (Higuchi; Kuhnen, 2008).

A técnica fotográfica permitiu investigar representações ambientais, desvendar aspectos da realidade historicamente construída, além de possibilitar a compreender, por meio da linguagem não verbal, o foco do outro. Os participantes receberam instruções sobre a utilização da câmera fotográfica e registraram com imagens suas respostas frente às indagações da pesquisadora. Importante salientar que a análise do material fotográfico produzido ocorreu com base na escolha do foco, na imagem em si e nos conteúdos externalizados visualmente que “respondem” as indagações realizadas.

Procedimentos

Sete questões compuseram o roteiro da técnica “fotografando ambientes”, de modo que as perguntas versaram sobre: 1. lugar agradável, que te faça se sentir bem; 2. lugar que dê a sensação de estar em casa; 3. lugar que te transmita calma, tranquilidade; 4. lugar bonito de ver e estar; 5. lugar que não gosta, que te desagrada; 6. lugar preferido; 7. lugar que represente a tua vida morando aqui no SRT. Na medida em que o

participante assentia sua colaboração na pesquisa iniciava o processo de explicação sobre o uso da câmera fotográfica e o desenvolvimento da técnica. Embora os registros sejam de ordem imagética, todo o processo foi gravado em áudio e posteriormente transcrito, visto que os participantes explanaram suas considerações acerca das escolhas e das respostas retratadas.

Quanto à observação participante, desenvolvida ao longo de todo o processo de coleta de dados. Salienta-se seu potencial enquanto método de pesquisa que objetiva observar, descrever e compreender modos de interação socioculturais presentes em grupos, comunidades, instituições, dentre outros espaços (Souza, 2015). O contato junto ao universo a ser explorado pressupõe um contato próximo, frequente e prolongado, aliado a instrumentos complementares, como o diário de campo (Ribeiro Neto; Avellar, 2016).

Análise de dados

O material textual oriundos dos métodos investigativos foram gravados e posteriormente transcritos, analisados a partir da Análise Temática (AT) (Braun; Clarke, 2006), facilitado pelo software *Atlas.ti*, versão 8.0. Esse modelo de análise pretende tecer diálogos e contrastes frente aos resultados encontrados, enaltecendo a perspectiva multimetodológica característica dos Estudos Pessoa-Ambiente e ancorando a apreciação dos materiais de acordo com os pressupostos epistemológicos adotados pela Psicologia Ambiental.

Caracterizada como uma proposta metodológica que requer postura reflexiva e ponderada do(a) pesquisador(a) com seus dados e com o processo analítico de modo geral, a AT sintetiza seu processo em seis fases de análise: a) familiarização com os dados; b) geração dos primeiros códigos; c) busca por temas; d) revisão dos temas; e) definição e nomeação dos temas; f) produção do relatório (Braun; Clarke, 2006; 2019).

Aspectos éticos

Cabe destacar que todos os aspectos éticos foram respeitados neste estudo, em conformidade com a legislação vigente, sobretudo, na Resolução no 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde. Após apreciação, o Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina aprovou a execução desta pesquisa por meio do Parecer n.º 2.903.250.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre as três residências terapêuticas e seus respectivos moradores, encontraram-se aptos e efetivamente se tornaram participantes deste estudo quatorze pessoas, sendo seis residentes do SRT da cidade “grande”, três da cidade “média” e cinco da “pequena”. Os dados obtidos foram compilados e unificados com vistas a responder os objetivos desta pesquisa, de modo que três temas foram suscitados a fim de responder as indagações propostas, são eles: a) bem-estar na casa; b) bem-estar no entorno; c) significados. Os códigos emergidos desta proposição temática podem ser compreendidos a partir da visualização da Tabela 1.

Tabela 1: Análise temática: categorias e códigos.

BEM-ESTAR NA CASA	BEM-ESTAR NO ENTORNO	SIGNIFICADOS
compartilhar	comércio	liberdade
estética	diversidades	sensação de casa
conforto	lugares simbólicos	escolhas
vislumbre exterior	rua calma	autocuidado
horta	trânsito	interação
acessibilidade	movimento urbano	casa cheia
quintal	natureza	própria cidade
quarto	comunicação	drogas na rua
guarda-roupas	caminhadas	anonimato
privacidades	vizinhança	tarefas domésticas
eletrônicos	CAPS	personalização dos espaços
grades		

Fonte: elaboração própria.

Com vistas ao resguardo do anonimato dos participantes e dos Residenciais envolvidos, optou-se por não fazer uma caracterização detalhada. Assim, doravante cada morador(a) será identificado(a) apenas por “P1, P2, P3 etc”, numeração aleatória. Quanto as cidades dos SRT's, elas seguirão com suas representações sociodemográficas, mas são acrescidos alguns dados de caracterização importantes: a) casa da cidade “pequena”: residência de materiais mistos, em bairro central, porém com pouca circulação de veículos no entorno, a rua da frente é de chão batido, o portão da casa fica sempre aberto e não há grades; b) casa da cidade “média”: em alvenaria de tijolos, em bairro central, com frequente circulação de veículos em baixa velocidade (limite de 40km/h), rua asfaltada, periférica aos principais estabelecimentos comerciais da cidade, portões fechados por cadeado; c) casa da cidade “grande”: em alvenaria de tijolos, espaços internos amplos, bairro central, rua da frente é sem saída, tem baixa circulação, ruas periféricas com fluxo intenso e rápido, portões fechados eletronicamente e por cadeado.

Diário de campo, observação participante e técnica fotografando ambientes

Percebida no reduto dos Estudos Pessoa-Ambiente como método de estudo frutífero, a técnica “fotografando ambientes” permitiu investigar representações ambientais e desvendar aspectos da realidade historicamente construída. Para Higuchi e Kuhnen (2008, p. 196) a fotografia permite “tatear práticas e costumes, aproximar linguagens, mergulhar nas emoções e decifrar códigos que são de alguma forma compartilhados, mas nem sempre explícitos”. Assim sendo, os participantes receberam instruções sobre a utilização da câmera fotográfica e registraram com imagens suas respostas frente às indagações da pesquisadora.

Ao optar por esse formato investigativo, identificou-se a possibilidade de desbravar as nuances expressas sobre os processos de desinstitucionalização que, cabe ressaltar, não se restringem a compreensão sobre as propostas e estruturas dos serviços de saúde mental (Ribeiro Neto; Avellar; Tristão, 2017). Percebidas como elementos que desencadeiam o discurso, a materialização da fotografia facilitou o processo de organização das ideias, bem como o de recordação de aspectos relevantes. Ao passo em que os participantes refletiam sobre as perguntas, também começavam a explicar com palavras a essência do que buscavam contemplar com os retratos realizados, alguns contavam o porquê do lugar escolhido, outros verbalizavam momentos vivenciados no passado ou projetos de vida idealizados para um futuro próximo. Em média, entre cada questionamento da pesquisadora e a finalização da resposta (discurso e fotografia) decorriam de oito a dez minutos.

Em consideração aos retratos fotográficos efetuados pelos participantes acerca das proposições do roteiro, oito participantes destacaram pela agradabilidade os lugares que eliciam interações e cinco deles salientaram os que provêm privacidade, tais como: varanda, sacada, sala de estar, bem como quarto, cama e pertences pessoais, respectivamente. Frente ao questionamento sobre lugares que dão a sensação de estar em casa, espaços de privacidade e isolamento se destacaram, sendo eleitos por onze moradores que destacaram suas camas, ventiladores, quarto, elementos decorativos, entre outros aspectos relacionados à personalização do espaço.

Ao ponderar sobre lugares que transmitem calma e tranquilidade, notou-se igualdade entre as respostas emitidas, sete moradores salientaram aspectos favoráveis à interação, como: rua, visão dos movimentos das pessoas pela sacada, trânsito, sala de estar. Por outro lado, outros sete participantes elencaram ambientes com foco na privacidade, associada a calma e tranquilidade ao ser favorecida por elementos que permitem o isolamento, os espaços pessoais e as atividades domésticas. Para tanto, foram retratados os quartos, as camas, banheiros, jardins, elementos de conotação de tarefas domésticas (horta, vassoura, louça etc.). As paridades percebidas na pergunta três se repetiram na quarta questão, sobre lugares bonitos de ver e estar, no qual sete moradores alertaram predileção sobre aspectos domésticos, como sala de estar, sacada e varanda, na medida em que outros sete enalteceram elementos do entorno das residências, como: parques urbanos, rua, natureza.

Uma curiosidade se deu frente às respostas sobre os lugares de desagrado, no qual seis moradores optaram por não responder, visto que nada lhes desagradava no momento. Sobre este dado, vale informar que, dentre as respostas, três moradores da cidade “média” e três da cidade “pequena” posicionaram tais aspectos. Quanto aos moradores que salientaram lugares que não gostavam, três enfatizaram desgosto pela sujeira e cheiro de cigarro, por meio de fotografias de lugares como: banheiro, cinzeiro no pátio. Outros três moradores alertaram para as grades e os portões fechados como elementos que reforçam a falta de liberdade e a clausura.

Na sequência fotográfica a orientação dada aos participantes foi para que o lugar de preferência fosse retratado. Nesse caso, a diversidade de escolhas permeou as imagens capturadas, observou-se que oito

participantes registraram lugares favoráveis à interação social, tais como: sacada, varanda, sala de estar, cozinha, mesa de refeições. Em menor frequência, outros três retrataram elementos externos, como a rua e o comércio, assim como os elementos pessoais foram fotografados por, também, três participantes, em fotos de: cama, quarto, figuras e desenhos, eleitos para simbolizar a privacidade e a personalização do espaço. Por fim, para simbolizar a vida no SRT, dez moradores optaram por enfatizar elementos que entoam a possibilidade de escolhas individuais e a liberdade, tais como: casa, quartos, café, cigarro, interações com pessoas externas à casa, sala de estar, rua.

Bem-estar na casa

Este tema foi composto pelas características afetivas e restaurativas percebidas pelos moradores no interior das suas respectivas residências terapêuticas. Parte-se do entendimento que a dimensão afetiva se refere ao modo como o ambiente afeta quem nele está e que fundamenta a dimensão dos significados produzidos na relação com a casa. Quanto à restauração, foram compreendidos fatores relacionados aos lugares e aos elementos que suscitam interesse, aprazibilidade, calma, bem como respostas emocionais positivas e limitação de pensamentos negativos alterados por estresse (Hartig, 2011).

Ao experimentar o contraste da análise da própria experiência de vida em um novo espaço e o compartilhamento de tais percepções, muitos moradores divagaram sobre as mudanças de “casa”, sobre o próprio conceito de “bem-estar em casa”, além de reflexões sobre os diferenciais do SRT em comparativos espontâneos com vivências anteriores.

Por tantos anos submetidos às mais diversas condições de (sub)existência, a noção de compartilhar se reinventou nos residenciais terapêuticos investigados, trazendo consigo novos aprendizados nas relações criadas, com tensionamentos, por obviedade da natureza humana, mas que também entoavam novos aprendizados: “aqui eu divido o quarto com o Fulano (outro morador), tô gostando muito! (P1)”.

Ao planejar a estruturação física de uma residência comumente se resguarda a sala de estar como um espaço para interação. Nos residenciais não foi diferente, o sadio conflito entre estética e conforto se materializou nos espaços de convivência, os quais permearam encontros, foram eleitos ideais para um bom chimarrão, para uma boa conversa com cuidadores e moradores, além de muito propícios para receber visitas. Ao mesmo tempo, e em consideração à multiplicidade de significados ambientais possíveis de serem percebidos, o esteticamente favorável “perde a vez” para o confortável. As televisões, os sofás, as configurações de salas de estar em formato de “U” parecem convites a um descanso, um cochilo, um relaxar de corpo e mente.

Na pesquisa de Pálsdóttir e colaboradores (2018) se destacam os ambientes naturais como os que mais proporcionam conforto, atuando como “refúgios”, lugares propícios a promoção de saúde e recuperação psicofisiológica. Apesar disso, os autores salientam que as qualidades dos ambientes construídos desenhadas em prol do conforto possuem, igualmente, potencial benéfico, de modo a apoiar processos ou resultados de saúde.

Dentre os muitos lugares descritos e registrados por fotografias, há aqueles em que não se capta com exatidão no retrato, o foco não alcança sua magnitude, “não dá para ver bem na foto, mas tá lá né? Dá até para sentir o cheiro do bolinho de carne que fazem lá, não dá? (P2)”. Ao vislumbrar o exterior, pela sacada, pela varanda ou pelas janelas, de modo uníssono os moradores descrevem “a vida lá fora” como algo que encanta e motiva, de possível acesso. Um portão, um itinerário, um bom tempo, uma data e hora em um projeto terapêutico singular os separam das interações com o mundo exterior. Trata-se, porém, de um mundo que nem sempre é atrativo, “às vezes, tenho medo de sair, não gosto de sair ‘à tardinha’, tem muito carro e bicicleta, é muito movimento, é perigoso! (P2)”. Mas, que por outro lado, conserva e muito seus encantos: “aqui eu posso fazer tudo o que eu quero, posso sair, tenho liberdade! (P7)”, que, em seguida acresce: “mas também tenho muita preguiça de sair, aqui na casa é tão bom, risos. (P7)”.

A ambivalência de sentimentos sobre os contatos e as possibilidades de sair das residências foi percebida como típica dualidade de pacientes psiquiátricos. Os SRT contemplam população tipicamente percebida como “louca”, o que se alia ao conceito/preconceito naturalizado que, em geral, reflete um menosprezo da experiência vivida por pessoas nessa condição (Franco; Stralen, 2015). Pelos longos tempos de institucionalização, muitos moradores (em especial os mais velhos) se espantam cotidianamente com as transformações da vida em sociedade. As transformações urbanas e a velocidade por elas impressas não são convidativas às pessoas que, por tanto tempo, estiveram à parte de toda essa efervescência da vida moderna e de todas as suas contradições.

Embora as interações sociais sejam atrativas e aprazíveis, praticá-las no reduto doméstico é um diferencial à saúde, segundo P10 “nada como sentar para tomar um chimarrão, comer bergamotas e tomar um sol aqui no varandão, prostrar um pouco [...]”. Nesse sentido, no anseio de ser útil, prestativo(a) e contribuir nas tarefas diárias domésticas, P12 destaca que “cuidar da horta, lavar a louça e ‘botar a mesa’ é coisa simples, ajuda a ‘Fia’ (‘filha’ - cuidadora) e a gente se alegra de ajudar”. De acordo com Cunha e colaboradores (2019) o zelo pela promoção da autonomia dos moradores nas mais diversas tarefas do cotidiano doméstico é essencial e consonante aos objetivos dos SRT’s. Assim, a horta e o quintal se tornam diferenciais, significativos à convivência no residencial a partir do momento em que permeiam as interrelações.

Outra esfera afetada positivamente pela nova configuração de vida no espaço urbano é a possibilidade de isolamento temporário, da criação de espaços pessoais, da personalização e singularização. Ulrich (1999) destacou que a perda da privacidade pode funcionar como estressor ambiental, e que a corresponsabilidade dos ambientes é fundamental para sua materialização. Em destaque a isso, os quartos, os guarda-roupas, os eletrônicos e os espaços privativos atuam de modo síncrono, embora resguardec suas especificidades.

Os quartos foram descritos e fotografados com o sentimento de conquista, de diferencial à vida. Mais do que tudo, os retratos e os relatos a partir deles denunciavam uma sensação de pertencimento à casa. A privacidade dita como pontual, para aqueles momentos que se quer estar sozinho com seus pensamentos, nesse ponto o banheiro se torna um elemento fundamental, inédito de se utilizar de modo privado. Já os guarda-roupas e os equipamentos eletrônicos carregaram uma importante similaridade a que vale destacar, relacionada a escolha, a possibilidade de aquisição, a personalização, a identificação de gostos e de hábitos. Ao acompanhar um morador e uma cuidadora a comprar roupa se pôde notar o encontro com o desconhecido e o processo da descoberta:

- Será que eu compro uma calça de ‘brim’ (jeans) azul ou dessas, assim, diferentes, coloridas? (apontando a uma calça bege e questionando à cuidadora, disse P2).
- Qual você prefere? (pergunta a cuidadora).
- Eu não sei, nunca tive calça assim de outro tipo (P2).

No momento que os moradores se veem na condição de protagonistas de suas escolhas e em meio a uma realidade socio física em que já não se imaginavam mais habitar (aqui se destacam, particularmente, os moradores que por mais de dez e vinte anos estiveram institucionalizados), os residenciais e suas respectivas cidades se tornam palco dessas novas experiências de vida. Nessa linha, o incentivo ao resgate da autonomia, a progressiva inclusão social e a vida em sociedade são objetivos ímpares ao processo articulado entre residenciais terapêuticos e rede de atenção psicossocial (Medeiros *et al.*, 2018).

Em contramão aos aspectos positivos mencionados, a acessibilidade e as grades despertam sentimentos de medo e de insegurança, além de potencializar memórias afetivas desagradáveis e relacionadas à clausura e a falta de oportunidade. A configuração física dos residenciais terapêuticos investigados é extremamente distinta, como já mencionado anteriormente, de modo que os elementos aqui referidos são exclusividades das residências da cidade “grande” e da “média”. Embora o Brasil tenha registrado avanços na qualidade do cuidado na atenção psicossocial, estigmas e entraves transversos ainda impactam o desenvolvimento, tais como a resistência da vizinhança em que a moradia é instalada, bem como os receios dos profissionais das casas sobre as reais condições dos moradores em habitar as cidades (Massa; Moreira, 2019).

Na articulação entre espaço e oportunidade, entende-se que os residenciais terapêuticos elevam o conceito de risco e de acessibilidade a outro patamar. No SRT da cidade “grande” o crime das drogas transpassa o histórico de quase todos os moradores da casa, de modo que as grades dos portões se tornam meio de contenção a uma proximidade que os moradores ainda estão aprendendo a ter de maneira saudável. Embora as angústias por observá-las tenham inundado de más lembranças a pesquisadora na coleta de dados, ao imergir no cenário também se pôde compreender a lógica inerente a existência de tais elementos (ainda que sem concordância).

Os vieses da criminalidade e das drogas não são os principais obstáculos às grades dos portões da residência da cidade “média”, e se mostram praticamente inexistente na casa da cidade “pequena”, não obstante sejam temores ainda presentes, talvez em fase de desenvolvimento. O manejo dos portões e os acessos se mostraram mais flexíveis, ainda que aqui se destaque a falta de acessibilidade, já que a casa possui como acesso uma rampa estreita ou escadas, o que dificulta ou inviabiliza o traslado dos moradores com dificuldades de locomoção.

Bem-estar no entorno

O segundo tema compilado nos dados engloba características e componentes externos à residência terapêutica, mas que somam ao cenário e as propostas do Serviço como diferenciais e importantes recursos para o processo de inserção comunitária e de comunicação social. O desenvolvimento urbano das cidades investigadas seguiu e segue transacionalidades extremamente distintas. Enquanto a cidade “grande” percorre típicas modernizações em sua arquitetura, mobilidade urbana, tecnologias, comércio e formas de se relacionar, a cidade “média” e a “pequena” buscam florescer suas raízes culturais no intuito de mantê-las vividas em meio às inevitáveis transformações contemporâneas.

Embora seja de fácil percepção notar as disparidades entre as configurações urbanas das três cidades e seus respectivos SRT's, de modo geral, as observações e as fotografias destacadas pelos participantes se direcionam a aspectos similares. Pôde-se atentar que, tanto retratos como discursos, dedicam-se ao desejo de habitar as cidades com “prudência”, se é que se torna possível utilizar este termo. Como melhor explica P8: “eu quero ir para a cidade, mas eu tenho, sei lá, não é medo, é tipo... ah, é bom os cuidadores ir junto né? Faz companhia para gente!”.

Cada residencial utiliza dos recursos do movimento urbano, das caminhadas e da comunicação de modo singular. O alto fluxo de pessoas, a localização central e a vizinhança com alto padrão socioeconômico foram descritos como fatores dificultadores da imersão social aos moradores do SRT da cidade “grande”. Ainda que “a gente mora bem no centro né, tem pouca pessoa pra conversar aqui, os vizinhos são tudo metido. Rico né? Ah, no camelô é bom! Gosto de ir lá! (P6)”. Identifica-se que os residenciais terapêuticos trabalham, de certo modo, com a ressignificação do imaginário social em relação à pessoa em sofrimento psíquico, na medida em que a busca pela ruptura de padrões e estereótipos se torna foco adjacente do processo de inclusão comunitária (Magalhães, 2016; Nemésio; Ribeiro, 2020).

Na residência da cidade “média” as caminhadas são práticas diárias e disponíveis a todos os moradores que se sentirem dispostos a ir, acompanhados por um(a) cuidador(a). Comumente, o itinerário da manhã envolve um breve passeio pelas ruas do entorno, o que permite interações, já que a casa está localizada na zona central. Para P9 “é muito bom sair todo dia, que aí nem de longe te dá a ideia de que tu ainda tá no (antiga instituição psiquiátrica que o participante estava internado), lá era horrível, era da enfermaria para o pátio, refeitório e enfermaria de novo”. As marcas da institucionalização e do modelo asilar se apresentam nas memórias e nos corpos dos participantes, expressas de diferentes modos, mas comuns em dores e sofrimentos agora em busca de ressignificação através da criação de novos vínculos afetivos e novas vivências (Franco; Stralen, 2015; Nemésio; Ribeiro, 2020).

Refletir e compreender a realidade do cenário que o SRT se encontra é fundamental. Ao observar o cotidiano da casa na cidade “pequena” se pode notar, com frequência um aviso como: “Oh Fulana (cuidadora), posso ir dar uma caminhadinha e tomar um chimarrão com a Ciclana (vizinha)?”. A localização central não afasta o típico movimento calmo da cidade. A caracterização da vizinhança corrobora tais fatores, na medida em que “convida” ou não os moradores dos residenciais à interação. Esse contraste foi de grande impacto ao atentar para as três realidades pesquisadas, o que reforça a necessidade de debates futuros acerca da assertividade no planejamento estrutural e logístico dos SRT's.

Os cenários urbanos do entorno dos residenciais terapêuticos convergem, ainda, com as percepções de seus moradores acerca do trânsito e das ruas. Na medida em que as estruturas de mobilidade são responsáveis por produzir movimento e ligar os espaços com base na velocidade e na rápida conclusão de trajetos (Jensen, 2009), tais facilitadores parecem estar dissociados da ideia de “benefícios” aos participantes deste estudo. Para retratar uma fotografia, P2 convida a pesquisadora para se dirigirem a rua em frente o residencial e diz “eu gosto desta rua, é uma rua calma. Aqui tudo é muito corrido! O trânsito é terrível!”.

Ver pessoas, passear pelo entorno da casa, interagir com conhecidos ou não, dialogar sobre coisas quaisquer, “ser normal, como uma pessoa comum (P5)”, habitar a cidade. “É na cidade que tudo acontece, coisas diferentes... sabia que agora vendem de tudo nas lojinhas ali do centro? (P4)”. O processo de desinstitucionalização não se encerra com a desospitalização, é necessária uma mudança de paradigma, pois se transforma radicalmente o sistema de referência daquela pessoa que agora, depois de tantos anos, reivindica sua liberdade para expressar suas diferenças no palco dos encontros, a cidade (Massa; Moreira, 2019).

De maneira análoga aos códigos temáticos anteriormente mencionados, mas com a singularidade focada nas novidades e na descoberta às novas experiências, o comércio do entorno das residências e as diversidades são reinvenções nas práticas cotidianas dos moradores dos SRT's. Fotografias, desenhos fotocopiados,

vídeos, músicas, notificações de fatos e eventos permearam o dia a dia da pesquisadora nas imersões aos residenciais terapêuticos. Revezando-se, ou de modo compartilhado, o fundamental era ver alguém “diferente” (a pesquisadora, nas primeiras visitas) e enfatizar conquistas e explorações, como fez P13: “eu preciso te mostrar minhas unhas, fui ao salão! Adoro o salão!”. Ao ver a ausência de cores nas unhas da pesquisadora, ela reflete: “você já foi num salão? Eu agora vou todo mês, adoro a Beltrana (manicure) mas tem que marcar hora tá? Ah, e é de pagar, tem que economizar pra ir!”.

O cotidiano em um residencial terapêutico requer negociações, contratualidade. O contínuo processo de fomento à autonomia, a inserção social, constituição de identidade, cidadania e independência podem ser trabalhados de inúmeras maneiras (Cunha *et al.*, 2019). Contudo, tais construções requerem a construção de laços e de tomadas de decisões, de forma singular ou coletivas, mas essencialmente dialógica e protagonista.

Outro ponto a ser destacado se refere às dimensões afetivas, interacionais e subjetivas dos moradores, participantes deste estudo. Nesse sentido, o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) é um coadjuvante essencial no desenvolvimento protagonista de habilidades sociais dos usuários do serviço. Embora atuante na produção de significados e no reforço à construção da identidade, o CAPS suscita ambivalentes sentimentos aos participantes. Na medida em que é descrito como “ótimo, é um lugar que vamos toda semana e eu adoro, quer ver o coelho (artesanato, para a Páscoa) que eu fiz lá? (P14)”, também é lugar de difícil adesão: “daqui da casa eu sou o único que vai ao CAPS de bom grado, os outros não gostam não (P3)”. Ou, inclusive, de não pertencimento: “eu vou ao CAPS, mas eu acho que lá é para louco, não é pra mim, eu vou só para ajudar (P9)”.

Os sentidos se dão pela conexão entre os espaços e pela construção da identidade com os lugares onde se transita, assim como a fluidez do ir e vir entre eles. A importância simbólica do lugar atua como repositório de emoções, experiências e percepções construídas ao longo da vida que lhe conferem propósito, refletido em sentimento de pertença, que pode ser atribuído a pessoas e lugares que exprimem sensação de bem-estar (Proshansky *et al.*, 1995; Ujang; Zakariya, 2015).

A disponibilidade às aberturas e encontros com o outro e com o ambiente, é decorrência da implicação ético-afetiva com o entorno. Ao discutir sobre as diferenças na forma como as pessoas se vinculam às dimensões físicas e sociais do lugar, destacam-se retalhos de lugares especiais ou características particulares que as pessoas valorizam de maneira diferente (Quinn *et al.*, 2019). A produção de vínculos com o entorno da residência está, frequentemente, interligada com lugares simbólicos, que por vezes incluem a natureza e seus potenciais na diminuição do estresse e dos tensionamentos diários.

A produção de apego por determinados lugares reflete ligações afetivas estabelecidas, não necessariamente mediadas pelo tempo ou pela intensidade do contato (Scannell; Gifford, 2010). De modo natural e corriqueiro os moradores relataram, inclusive fotografaram, lugares significativos a eles, simbólicos por terem vivenciado experiências antes da(s) institucionalização(ões), residências de familiares (atuais ou antigas), lugares nos quais passeavam, frequentavam, trabalhavam, entre outros ambientes que se tornaram memórias afetivas. Por diversas vezes, por exemplo, P7 referenciava sua fala a tais sentidos: “sabia que para ir no CAPS passamos pelo estádio do clube de futebol? Eu morava lá do lado, ia sempre ver jogos! Quando formos ao CAPS te mostro minha casa”. Tais conexões são como lentes singulares àqueles que interpretam, à sua maneira, percepções e relações com o meio.

Ao ponderar sobre como responderia, fotografando, a sétima questão acerca da vida no SRT, P11 assume que “morei em muitos lugares, nem sei quantos... mas aqui, com essa natureza, o quintal, o banco no solzinho, a vida calma e tranquila... não quero sair nunca daqui”. Igualmente ponderando sobre benefícios naturais, porém em contexto essencialmente construído, P1 divaga sobre “visitas nos parques, no jardim (botânico) aquele grande, é calmo, bom né? Tu vai acompanhado, mas parece que está sozinho com as árvores, as plantas...”. O contato com parques urbanos com atributos estéticos e favoráveis à permanência e a interação, sobretudo em meio a cenários urbanos, pode ser experimentados positivamente e provocar experiências restauradoras (Stigsdotter *et al.*, 2017).

Significados

O terceiro tema aqui abordado diz respeito ao reduto dos significados percebidos na relação dos moradores com as residências terapêuticas, enquanto casa, com as cidades, como cenário, entorno. Os códigos que emergiram de tal estratificação colocam em discussão a confluência entre o subjetivo e o urbano, considerando as dissonâncias produzidas nessa relação, de modo que subjetividade e ambientes interagem, protagonistas.

Os significados atribuídos à relação que os seres humanos estabelecem com os espaços denotam preferências ambientais, geográficas, culturais, sociais, afetivas e tantas outras. Assim, a Psicologia Ambiental se torna pano de fundo de tais discussões na medida em que compreende o lugar como ambiente físico resultante de constituições com base na interrelação com os processos psicológicos e sociais atribuídos pelas pessoas que com ele interagem (Dias; Ramadier, 2015). Isto é, conhecer a conexão psicológica das pessoas com os lugares é essencial para compreender os significados por elas atribuídos a eles.

Ao refletir sobre seu lugar de pertença, comumente se ponderam referências sobre lugar de nascimento, por onde mais tempo viveu, onde se vive atualmente, dentre outras divagações. Não há resposta certa ou errada, há respostas. Inquieta e ensurdece o silêncio a essa pergunta, em um diálogo sem pretensões adicionais, sobretudo se vem seguido da resposta “eu não sei, acho que daqui, né? Ou não?”, como afirmou P13. A residência terapêutica (RT) é importante passo pós instituição psiquiátrica, constitui-se como ponte para habitar a cidade, desenvolver senso de liberdade e sensação de casa. Transitar pela cidade, imergir no bairro, circular pelo centro, reaproximar-se de familiares e conhecidos é caminho estratégico para que os moradores dos residenciais se sintam pertencentes ao lugar, às relações, às pessoas (Nemésio; Ribeiro, 2020).

Muitos participantes registraram suas fotos, apresentaram à pesquisadora, e questionaram curiosidades do tipo “depois tu bate uma foto minha aqui nesse lugar? Aqui é meu lugar preferido! (P10, ao se referir à varanda, com sol, tomando chimarrão)”. Desenvolver tais hábitos e preferências permeia o processo de constituição de significados acerca da moradia, das pessoas que convivem e das relações estabelecidas.

Sentimo-nos pertencentes e identificados com ambientes que, em de algum modo, expressam parte da nossa identidade social (Amin, 2018). Os lugares possuem características e significados simbólicos explorados por meio de sentimentos, emoções, propósitos e relacionamentos. Suporta a sensação de pertença e de bem-estar, recria afetos.

Ao permitir reinvenções, os lugares exprimem potenciais que extrapolam suas configurações físicas, como:]

- Posso fotografar como meu lugar preferido o café? (pergunta P9, ao fotografar em resposta a questão 6).
- Para você faz sentido o café ser teu lugar preferido? (pesquisadora)
- Eu sei que café não é bem um lugar, é que eu amo tomar café e não podia fazer isso no (lugar da última instituição psiquiátrica que estive). Então, eu queria fotografar algo que eu escolhi. Isso que eu mais gosto, de poder escolher algo pra mim, sem ninguém me proibir, algo bom, nada ruim, sabe? Só tomo três xícaras por dia, é só algo que eu gosto.

Fazer escolhas, assim como o zelo pelo autocuidado são como eventos no cotidiano dos residenciais pesquisados. A todo momento um participante as enfatizava, entoando-as como conquistas, atuais ou pregressas. A título de exemplo, P2 apresentou seu desodorante novo à pesquisadora por quatro vezes, em um dia, seguido de frases como “olha que cheiroso, bom né? Eu que escolhi, eu comprei, com meu dinheiro, para ficar cheiroso!”.

Para bem utilizar dos pressupostos e avanços dos Estudos Pessoa-Ambiente (EPA) em prol de melhorias nos ambientes de cuidado em saúde mental, bem como nas interrelações neles desenvolvidas, reitera-se a importância da desconstrução da institucionalização e de suas cicatrizes entranhadas nos corpos e nos movimentos dos moradores. Observa-se, por exemplo, o estranhamento completo ao ser inquerido sobre qual peça de roupa ele está precisando para passar o inverno (P1). Assim como, a reafirmação de liberdade ao ostentar onze anéis em dez dedos, enfatizando sua autonomia e recriação de identidade (P3). Urge a necessidade de se desconstruir o imaginário social sobre a “loucura”, do contrário, as reproduções massificadas e generalistas de invisibilidade, isolamento e tutela serão fortalecidas (Franco; Stralen, 2015; Nemésio; Ribeiro, 2020).

Na medida em que os participantes “aparecem” no cenário social que habitam, suas expressões passam a interagir de modo distinto, em casa e nas ruas. Escolher sentar ao sofá e passar um tempo na sala de estar “quer dizer que você quer interagir, conversar, bater um papo, é o lugar perfeito para isso! (P4)”. Por outro lado, também há momentos em que é preciso reafirmar funções e papéis na casa, como na realização de tarefas de casa. O cotidiano doméstico que, via de regra, é um labor indesejado, nos residenciais é percebido pela maioria dos moradores como algo a se orgulhar. De todas as fotografias de quartos e camas, apenas um morador não teve o cuidado de dizer “espera um pouco, deixa eu arrumar minha cama para a foto, tem que estar bonita... agora sim!” (P14).

Outros pontos de destaque são os espaços personalizados, estar na própria cidade e o anonimato nas ruas. Ilustrados por P7, que afirma “cada um tem seu cantinho aqui na casa, eu cuido dos meus pertences, meu quarto tem a minha cara e eu estou na minha cidade, isso é a melhor coisa de se viver aqui!”. Fala corroborada por P8, que diz “eu gosto de “média” (nome da cidade), de caminhar pela cidade com roupa assim, normal, e ninguém ficar me olhando estranho, me sinto como qualquer outro (gentílico) na rua”.

Os lares construídos dia após dia nos residenciais terapêuticos ditam o tom dos sentidos e significados atribuídos por esse processo de habitar a casa e a cidade. A casa cheia se torna motivo de alegria depois de algumas horas em que um ou uns se afastam e retornam para contar sobre suas andanças. Para P10 “é bom sair, ir no CAPS, falar com vizinhos, receber visitas... mas é mais bom ainda quando tá todos nós em casa, a gente se dá muito bem! Eu não tenho mais ninguém, então eles aqui são família, né?”. Conectar-se a lugares e a pessoas transcende características ou elementos físicos, percorre os significados e as associações atribuídas por meio do fluxo das interações desenvolvidas, com influências que podem ser de cunho afetivo, cultural e tantas outras (Amin, 2018).

A excepcionalidade à casa cheia, às interações e às escolhas se dá, sobretudo, na casa da cidade “grande”, no que condiz aos moradores com histórico de dependência química. A maioria dos moradores dessa residência conflitam seus projetos terapêuticos com a tentação das drogas nas ruas. Rua, para eles, se torna sinônimo de acesso às drogas. Desse modo, dificulta-se imensamente o processo de inserção social e abertura à comunidade. Os profissionais da respectiva RT, embora dialoguem constantemente com o CAPS AD e com o CAPS AD III, reiteram a importância de se rever considerações específicas e estratégias a tais particularidades dos moradores. Nessa tônica, a centralidade do residencial se torna um revés, visto que é o centro o maior complicador do município em manejar esta problemática social e de saúde pública.

A dinâmica das cidades reconstruiu os horizontes do bem-estar individual e coletivo, assim como dos possíveis significados percebidos a partir de tais relações. O cenário urbano é importante artifício na produção dos modos de ser e de agir das pessoas, possibilitando inclusões ou exclusões. Ao analisar as abordagens sobre os dificultadores na relação das RT's, seus moradores e suas respectivas cidades, o diagnóstico pode não ser de todo favorável. E, portanto, reforça-se, para que não retornemos a velhos equívocos nas práticas de cuidado, trata-se de um processo adaptativo que possui marcas deixadas pela institucionalização, mas que são desafios que de modo algum devem ser confundidos como impeditivos. Espera-se que não mais se impeça o advento de habitar uma casa, de explorar uma cidade, de ir e vir.

3 CONCLUSÃO

Face aos propósitos deste estudo, destacam-se as articulações entre os aspectos ambientais das residências, e seu entorno, percebidas como benéficas ao bem-estar ou favorecedoras do estresse, bem como os significados constituídos a partir de tais interrelações. Constatou-se que os significados ambientais descritos pelos moradores das residências terapêuticas permitiram redirecionamentos acerca da relação pessoa-ambiente nessa modalidade de cuidado e atenção à saúde, com ênfase nos aspectos relativos à casa, à rua e ao bairro do entorno, assim como nas interações possíveis nos respectivos cenários.

Dentre as considerações acerca desta pesquisa, é possível articular que, na medida em que a reforma psiquiátrica brasileira progride, espera-se o mesmo desenvolvimento em seus componentes territoriais, tais como os Serviços Residenciais Terapêuticos. Entretanto, faz-se o parêntesis aos obstáculos, quiçá não previstos com a devida proporção atencional, que dificultam a evolução do Serviço, como: a transversalidade das drogas e do crime. Não se trata de elencá-los como impeditivos à socialização e demais propostas associadas, mas sim de requerer maior investimento em capacitação profissional, suporte técnico, discriminação de ações e estratégias a serem fomentadas, reflexão contínua direcionada e especificação às regionalidades comportamentais e culturais do cenário em que se situa a residência terapêutica.

Importante salientar que, provavelmente, a velocidade das transformações nas cidades não foi acompanhada pelos moradores dos residenciais investigados, tendo em vista seus processos de institucionalização duradouros. Sendo assim, redobra-se a necessidade de se refletir e ponderar sobre as estruturas e planejamentos acerca das configurações urbanas e o modo como os SRT's foram incluídos em tais processos. Identificaram-se os benefícios acerca da localização do residencial em regiões próximas, porém não nos centros urbanos. Ao atentar para a logística da casa se observou os inúmeros benefícios ao bem-estar a partir da facilitação na socialização dos moradores com seu entorno, a apropriação da residência e a oportunidade de fomento a este vínculo para, pouco a pouco, progredir no processo autônomo de gestão das escolhas de vida.

Estar cercado de elementos favoráveis ao bem-estar e convidativos a experiências e oportunidades de interação é, certamente, o maior diferencial que um residencial terapêutico pode oferecer. Para tanto, na contínua interação das pessoas com os ambientes, destacam-se possibilidades, como: a criação e manejo de hortas, a oferta de espaços verdes e seus “convites” à interação e pausas, a possibilidade de participação e engajamento nas tarefas domésticas, o fomento à ressignificação de hobbies e preferências, bem como o encorajamento à rua, ao bairro e à cidade.

O rol de conhecimentos e as aplicações dos conceitos da Psicologia Ambiental e dos Estudos Pessoa-Ambiente (EPA) em ambientes de saúde galgam espaço cada vez mais frequente e assertivo na realidade brasileira, embora no reduto internacional sua consolidação seja mais conhecida. A carência de bibliografia nacional a respeito reforça a necessidade de maiores investimentos científicos, ao passo que a literatura internacional dá luz à imaginação ao evidenciar inúmeras alternativas e proposições bem-sucedidas nos mais diversos contextos de promoção, tratamento e reabilitação em saúde (Silveira; Kuhn, 2019).

Ao evidenciar tais aspectos, o presente estudo avança na produção de conhecimento científico, de modo a fomentar base norteadora para o planejamento e organização funcional e projetual de residenciais terapêuticos nas regiões exploradas. Almeja-se que os dados obtidos e aqui compartilhados possam contribuir na contínua reflexão e proposição de estratégias de enfrentamento à desinstitucionalização, utilizando-se dos pressupostos da Psicologia Ambiental como potenciais auxiliares e benéficos ao bem-estar e a diminuição do estresse psicofisiológico.

Quanto às limitações deste estudo, aponta-se que elas se delineiam a partir de questões socioculturais, ambientais e regionais das residências terapêuticas e dos moradores investigados. Na medida que o Estado que compreende tais cidades e seus respectivos residenciais avance nos serviços de saúde mental substitutivos, recomenda-se que novas pesquisas sejam executadas com foco nos objetivos e propostas dos SRT's, com significativa consideração às subjetividades dos moradores que nelas viverão. É de fundamental importância que constantemente lembremos que a loucura já foi emudecida, enclausurada, excluída e destituída de direitos, assim que é imprescindível que lutemos por voz, por liberdade, por inclusão, por cidadania e direitos humanos.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

- AMIN, H. M. T. M. The impact of heritage decline on urban social life. **Journal of Environmental Psychology**, v. 55, p. 34-47, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2017.12.002>
- BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative research in psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- BRAUN, V.; CLARKE, V. Reflecting on reflexive thematic analysis. **Qualitative research in sport, exercise and health**, v. 11, n. 4, p. 589-597, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/2159676X.2019.1628806>
- CUNHA, N. F. A.; FERRAZ, M. M. M.; FERNANDES, M. A.; CARVALHO, R. J.; CARVALHO, A. M. B.; VELOSO, L. U. O; Residências terapêuticas: a percepção de moradores acerca de autonomia, relacionamentos e contratualidade. **Revista de Enfermagem da UFPI**, v. 8, n. 4, p. 62-68, 2019. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1366863>.
- DIAS, P.; RAMADIER, T. Social trajectory and socio-spatial representation of urban space: The relation between social and cognitive structures. **Journal of environmental psychology**, v. 41, p. 135-144, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2014.12.002>
- FELIPPE, M. L. **Ambiente fisico e linguaggio ambientale nel processo di rigenerazione affettiva dallo stress in camere di degenza pediatrica**. Tese de doutorado em Tecnologia da Arquitetura. Università degli Studi di Ferrara, 2015.
- FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cadernos de saúde pública**, v. 24, p. 17-27, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2008000100003>
- FRANCO, R. F.; STRALEN, C. J. Desinstitucionalização psiquiátrica: do confinamento ao habitar na cidade de Belo Horizonte. **Psicologia & Sociedade**, v. 27, n. 2, p. 312-321, 2015. <https://doi.org/10.1590/1807-03102015v27n2p312>

- HAN, K-T. Disponível em: **Landscape and urban planning**, v. 64, n. 4, p. 209-232, 2003. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0169-2046\(02\)00241-4](https://doi.org/10.1016/S0169-2046(02)00241-4)
- HARTIG, T. Issues in restorative environments research: Matters of measurement. *Psicologia ambiental*, 2011.
- HARTIG, T.; STAATS, H. The need for psychological restoration as a determinant of environmental preferences. **Journal of environmental psychology**, v. 26, n. 3, p. 215-226, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2006.07.007>
- HIGUCHI, M. I. G.; KUHNEN, A.. Percepção e representação ambiental: métodos e técnicas de investigação para a educação ambiental. In : PINHEIRO, J.; GÜNTHER, H. **Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente**, São Paulo: Casa do Psicólogo, pgs. 181-216, 2008.
- HIGUCHI, M. I. G.; KUHNEN, A.; BOMFIM, Z. Á. C. Cognição ambiental. In: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A.(Orgs.). **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**, Petrópolis: Vozes, pgs. 105-121, 2011.
- JENSEN, O. B. Flows of meaning, cultures of movements—urban mobility as meaningful everyday life practice. **Mobilities**, v. 4, n. 1, p. 139-158, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17450100802658002>
- MAGALHÃES, M. R. **O processo de desinstitucionalização da loucura em Pernambuco: Do hospital José Alberto Maia ao serviço de Residências Terapêuticas**. 2016. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.
- MASSA, P. A.; MOREIRA, M. I. B. Vivências de cuidado em saúde de moradores de Serviços Residenciais Terapêuticos. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 23, p. e170950, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/interface.170950>
- MEDEIROS, D. A. A.; ABELHA, L.; FONSECA, D. L.; SARUÇÃO, K.; LOVIS, G. M. Avaliação das limitações do comportamento social dos moradores dos serviços residências terapêuticos de um pequeno município do estado do Rio de Janeiro. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 26, p. 278-284, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1414-462x201800030071>
- MEMARI, S.; PAZHOUHANFAR, M.h; NOURTAGHANI, A.. Relationship between perceived sensory dimensions and stress restoration in care settings. **Urban Forestry & Urban Greening**, v. 26, p. 104-113, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ufug.2017.06.003>
- NEMÉSIO, J. S.; RIBEIRO, M. A. T. Diálogo com a literatura sobre a desinstitucionalização e a implantação dos serviços residenciais terapêuticos. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 2, p. 9357-9373, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.34117/bjdv6n2-301>
- PROSHANSKY, H.; FABIAN, A.; KAMINOFF, R. Place identity: Physical World Socialisation of the Self. In: L. Groat (Ed.), **Giving places meaning** (Readings in Environmental Psychology), Academic Press, 1995, pp. 87–113.
- SILVEIRA, B. B.; KUHNEN, A. Psicologia ambiental e saúde na relação pessoa-ambiente: uma revisão sistemática. **PSI UNISC**, 3(1), 2019, pp. 89–105,. <https://doi.org/10.17058/psiunisc.v3i1.12523>
- QUINN, T.; BOUSQUET, F.; GUERBOIS, C. Changing places: The role of sense of place in perceptions of social, environmental and overdevelopment risks. **Global Environmental Change**, v. 57, p. 101930, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.gloenvcha.2019.101930>
- RAPOPORT, A. **The meaning of the built environment: A nonverbal communication approach**. University of Arizona Press, 1990.
- RIBEIRO NETO, P. M.; AVELLAR, L. Z. Conceptions about the interaction with residents of therapeutical residences. **Psicologia & Sociedade**, v. 28, p. 162-170, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-03102015v28n1p162>
- RIBEIRO NETO, P. M.; AVELLAR, L. Z.; TRISTÃO, K. G. Convivência social com moradores de residências terapêuticas. **Psicologia & Sociedade**, v. 29, p. e152335, 2017.
- SCANNELL, L.; GIFFORD, R.. Defining place attachment: A tripartite organizing framework. **Journal of Environmental Psychology**, v. 30, n. 1, p. 1-10, 2010. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2009.09.006>
- SILVA, A.; RIBEIRO, G.; SANTOS, L. L.; BURIOLA, A. A. Ser cuidador em serviço residencial terapêutico: fragilidades e potencialidades na prática assistencial. **Journal of Nursing and Health**, v. 9, n. 1, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.15210/jonah.v9i1.14692>
- SOUZA, M. R. Psicologia social e etnografia: histórico e possibilidades de contato. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 35, p. 389-405, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-370301742013>
- STAATS, H.; KIEVIET, A.; HARTIG, T. Where to recover from attentional fatigue: An expectancy-value analysis of environmental preference. **Journal of Environmental Psychology**, v. 23, n. 2, p. 147-157, 2003. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0272-4944\(02\)00112-3](https://doi.org/10.1016/S0272-4944(02)00112-3)
- STIGSDOTTER, U.; CORAZON, S. S.; SIDENIUS, U.; KRISTIANSEN, J.; GRAHN, P. It is not all bad for the grey city—A crossover study on physiological and psychological restoration in a forest and an urban environment. **Health & place**, v. 46, p. 145-154, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.healthplace.2017.05.007>

- TUAN, Y.-F. **Espaço e lugar**: A perspectiva da experiência. SciELO-EDUEL, 2013.
- UJANG, N.; ZAKARIYA, K. The notion of place, place meaning and identity in urban regeneration. **Procedia-social and behavioral sciences**, v. 170, p. 709-717, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2015.01.073>
- ULRICH, R. S. Effects of gardens on health outcomes: Theory and research. In: MARCUS, C. C.; BARNES, M. (Ed.). **Healing gardens**: Therapeutic benefits and design recommendations. John Wiley & Sons, 1999.
- VAN DONGEN, R. P.; TIMMERMANS, H. J. P. Preference for different urban greenscape designs: A choice experiment using virtual environments. **Urban Forestry & Urban Greening**, v. 44, p. 126435, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ufug.2019.126435>
- VIDAL, C. E. L.; BANDEIRA, M.; GONTIJO, E. D. Reforma psiquiátrica e serviços residenciais terapêuticos. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 57, p. 70-79, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0047-20852008000100013>
- WANG, R.; ZHAO, J.; MEITNER, M.; HU, Y.; XU, X. Characteristics of urban green spaces in relation to aesthetic preference and stress recovery. **Urban Forestry & Urban Greening**, v. 41, p. 6-13, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ufug.2019.03.005>
- YASUI, S. **Rupturas e encontros**: desafios da reforma psiquiátrica brasileira. Editora Fiocruz, 2010.

NOTA DO EDITOR (*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade das autoras.